

FREQUÊNCIA DE ADOECIMENTO E PRESENÇA DE PROBLEMAS RESPIRATÓRIOS AGUDOS ENTRE CRIANÇAS QUE FREQUENTAM CRECHES

SAMILE SALLABERRY ECHEVERRIA SILVEIRA¹; SUELEM DE LIMA BACH²; JAMILE GARDIM DOS SANTOS³; MARIANA BONATI DE MATOS⁴; ROCHELE CASTELLI⁵; KAREN AMARAL TAVARES PINHEIRO⁶

¹ Universidade Católica de Pelotas samilesallaberry@gmail.com ² Universidade Católica de Pelotas subach@gmail.com ³ Universidade Católica de Pelotas jamilegs@gmail.com ⁴ Universidade Católica de Pelotas marianabonatidematos@gmail.com ⁵ Universidade Católica de Pelotas rochele_castelli@hotmail.com ⁶ Universidade Católica de Pelotas karenap@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Com a Constituição Brasileira de 1988, a creche passou a ser definida como direito da criança, um dever do Estado e uma opção da família. A creche é o primeiro ambiente frequentado pela criança fora do contexto familiar. Elas são instituições destinadas a abrigar crianças de zero a três anos, em horário integral. Sua função não tem apenas caráter assistencial, mas principalmente educativo, garantindo atendimento nutricional, de saúde e de segurança a essas crianças (MEC 1975). Segundo BENICIO et al. (2000), para as mães este serviço torna-se uma alternativa concreta para viabilizar a reinserção no mercado de trabalho e/ou retorno ao ambiente escolar. Entretanto, sabe-se que as crianças que frequentam creches adoecem mais do que aquelas cuidadas exclusivamente em casa, sendo as doenças infecciosas as mais prevalentes (FONSECA et al., 1996). BARROS (1999) sugere que há um risco muito maior de crianças que frequentam creche desenvolverem doenças respiratórias quando comparadas as que são cuidadas em casa. Segundo este autor, questões relacionadas à estrutura física e às práticas de saúde estão sendo negligenciadas nas creches, o que seria também um fator que somaria para a aquisição de doenças infectocontagiosas. Estudos evidenciam que as infecções respiratórias agudas estão dentre os agravos mais prevalentes na infância, sendo algumas das principais causas de morbidade e mortalidade em nosso meio (VICTORA et al., 1994; FONSECA et al., 1996; BARROS et al., 1999). Diversos estudos, já mencionados acima, apontam como causa importante para esse risco aumentado, o fato de que as crianças que frequentam creches apresentam maior exposição a agentes infectocontagiosos devido ao confinamento e a aglomeração. O objetivo deste trabalho é verificar a associação entre ir à creche e adoecer com frequência e entre ir à creche e desenvolver problemas respiratórios em uma amostra de crianças com idade entre 24 e 42 meses.

2. METODOLOGIA

Este estudo é um recorte transversal de uma coorte criada a partir da captação de mães que tiveram seus filhos na adolescência (entre 10 e 19 anos de idade) e que realizaram o pré-natal pelo Sistema Único de Saúde da cidade de Pelotas-RS. A amostra deste estudo foi composta pelos filhos destas mulheres com idades entre 24 e 42 meses. Nesta etapa as mães responderam a um questionário com questões sócio-demográficas, obstétricas e sobre a saúde e os hábitos das crianças. Os dados, após coletados, foram duplamente digitados no programa Epi-Info e os resultados foram analisados no Programa Estatístico

SPSS 13.0. Foram realizadas análise univariada para conhecer as características das mães e das crianças e análise bivariada (teste qui-quadrado) para comparação entre proporções.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, a amostra foi composta por 301 crianças. Destas, 27,5% (83) frequentam creches. A prevalência de mães que referiram que os filhos adoecem com frequência e tiveram problemas respiratórios agudos nos últimos anos foi de 21,5% (65) e 61,7% (187) respectivamente. A prevalência de crianças que adoecem com frequência e que frequentam creches foi de 31,1% (25), enquanto entre as que não frequentam foi de 18,3% (40). Esta associação mostrou-se significativa ($p=0,027$). Em relação aos problemas respiratórios agudos, 53,6% (45) das crianças que frequentam creches foram diagnosticadas com alguma doença e entre as que ficavam em casa esse número foi de 64,7% (141). Não houve associação significativa entre estas variáveis.

Estes achados, mesmo parciais, nos conferem a possibilidade de sugerir que as crianças que frequentam creches adoecem com mais frequência, entretanto não desenvolvem mais problemas respiratórios que crianças cuidadas em casa. Apesar de a literatura indicar que é comum uma maior prevalência de problemas respiratórios quando há uma maior exposição das crianças a agentes infecciosos, que podem aumentar devido à aglomeração e confinamento nessas casas de cuidado, nesta amostra, até este momento, esta associação não foi confirmada.

Por ser uma amostra colhida na cidade de Pelotas, essa variável pode ter influência nos resultados, devido ao fator climático. Esse fator pode ter influenciado na questão de os resultados não terem dado significativo, pois tanto crianças que frequentam creches quanto as que não frequentam estão vulneráveis às intempéries climáticas, favorecendo o adoecer.

4. CONCLUSÕES

As doenças respiratórias são uma causa frequente de morbidade infantil nos países em desenvolvimento. Por falarmos de uma população que vive em um clima favorável ao desenvolvimento de doenças respiratórias, pela exposição aos meses de outono e inverno, e também por apresentarem um sistema respiratório imaturo, com capacidade diminuída frente aos agressores externos, políticas de prevenção à saúde deveriam ser bastante instigadas. Por esse motivo, a atenção dispensada aos órgãos públicos deveria ser mais efetiva, sobretudo em cima dos fatores de risco já conhecidos. Deve-se então, orientar e capacitar os cuidadores que trabalham em creches, para que aja orientações e intervenções suficientemente satisfatórias, como o incentivo ao aleitamento materno, à imunização, e práticas alimentares adequadas, afim de culminar numa adequada preparação e assistência, fortalecendo o laço e a interação profissional-familiar. É importante também que aja uma preparação do profissional, afim de que se proporcione um reconhecimento precoce de sinais e sintomas de doenças respiratórias infantis e a que eles sejam capacitados em orientar aos pais sobre a necessidade de procurar os serviços de saúde apropriados a frente dos quadros de adoecimento de seus filhos. E também orientar a procura aos serviços de saúde, para a promoção e prevenção de agravos, almejando em um crescimento e desenvolvimento saudável das crianças cuidadas, tanto em creches quanto no ambiente domiciliar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Coordenação de Educação Pré-Escolar**, (1975). Diagnóstico Preliminar da Educação Pré-Escolar no Brasil. Brasília, MEC/DDD.

BARROS AJD. Child care attendance and common morbidity: Evidence of association in the literature and design issues. **Rev Saúde Pública** 1999; 33: 98-106

BENICIO MHA et al. **Tendência secular da doença respiratória na infância na cidade de São Paulo** (1984–1996). *Rev Saude Publica* 2000; 34(6 Supl):91–101.

FONSECA W et al. **Attendance at day care centers increases the risk of childhood pneumonia among the urban poor in Fortaleza, Brazil**. *Cad Saúde Públ* 1996; 12:133–40.

VICTORA CG et al. **Risk factors for pneumonia among children in a Brazilian metropolitan area**. *Pediatrics*, 1994; 93:977–85